



Ercília: 'Os médicos estavam sempre cuidando de casos mais graves'



Ana Lúcia Quintanilha em cima da pia no Souza Aguiar: sem opção

Quando preterir pode ser uma condenação

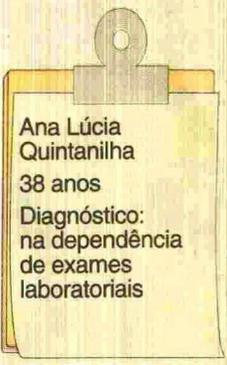
Em cima de uma pia, à espera de atendimento

Com dores insuportáveis no estômago, a empregada doméstica Ana Lúcia Quintanilha foi levada por parentes para o Hospital Souza Aguiar, no último domingo. Chorando muito, ela recebeu os primeiros socorros e foi levada para a emergência feminina. Como seu caso não era grave, os médicos a deixaram esperando quase o dia todo para fazer um raio X, já que, por causa da sobrecarga no hospital, a prioridade para os exames era dada aos pacientes mais graves. A espera foi desgastante: Ana Lúcia ficou em cima de uma pia.

— Sei que tem gente morrendo, mas não estou agüentando mais as dores — chorava ela.

O médico José Macedo de Araújo Neto, da direção do hospital, explicou a Ana Lúcia que naquele momento era o máximo que o Souza Aguiar podia oferecer. Na mesma sala, pacientes se espalhavam pelo chão, por cadeiras de rodas e colchonetes. Na emergência masculina, cenas idênticas.

— O Souza Aguiar é um hospital de fim de linha. Se não atendermos as pessoas aqui, vamos transferi-las para onde? — diz José Macedo.



Ana Lúcia Quintanilha
38 anos
Diagnóstico: na dependência de exames laboratoriais

Menino não resiste à espera de tratamento

Nélson passou cinco dias na emergência do Hospital Getúlio Vargas esperando uma vaga no CTI. Portador de uma doença incurável, a encefalopatia — que provoca convulsões e pode levar o paciente a ter infecções frequentes, além de problemas respiratórios e renais — ele só conseguiu o leito após uma visita de representantes do Sindicato dos Médicos, que o encontraram na emergência. No CTI, Nélson começou a melhorar: acordou e voltou a respirar sem auxílio de aparelhos.

A chegada de um paciente mais grave obrigou os médicos a levarem Nélson para uma enfermaria. Lá, ele piorou de novo. A equipe médica, então, tirou do CTI um doente já em recuperação para atendê-lo. Durante uma semana, as constantes idas e vindas do CTI levaram a família ao desespero.

Começava então, segundo Janete, tia do garoto, uma corrida contra o tempo para transferir Nélson. Antes que a família encontrasse um hospital onde ele pudesse ficar em tratamento intensivo sem interrupções, Nélson morreu.

— Ficar direto no CTI poderia ter aliviado seu sofrimento — disse Janete.



Nélson Amado Terra Samuel
14 anos
Diagnóstico: encefalopatia

Tetraplégico é preterido por doentes viáveis

Até agora, a merendeira Arlete Santos da Silva não entendeu direito por que seu filho mais velho, Vilson, levou tanto tempo para ser atendido. Baleado nas costas na madrugada de 3 de julho, numa festa junina perto de casa, no Jardim São Benedito, Campo Grande, ele foi levado para o Hospital Pedro II antes de o dia amanhecer, mas não pôde ser operado por falta de cirurgião.

— Acho que não deram tanta importância porque ele chegou no Pedro II com as pernas paralisadas — especula Arlete.

Sem condições de operar o rapaz, a equipe de plantão do Pedro II optou por transferi-lo para o Miguel Couto, na Zona Sul da cidade. Na chegada, na tarde do dia seguinte, a equipe constatou que Vilson estava tetraplégico. Uma situação irreversível. Assim, ele ficou esperando pela cirurgia até o dia 22. Segundo o diretor do hospital, Paulo Pinheiro, a opção foi por outras vidas em risco:

— Os médicos optam por atender os pacientes mais viáveis. Infelizmente, como não havia mais nada a fazer pelo Vilson, tivemos que esperar uma brecha para operá-lo.



Vilson Santos da Silva
27 anos
Diagnóstico: traumatismo raquimedular

Rejeição torna fatal uma crise de hipertensão

O atestado de óbito indica como **causa mortis** acidente vascular cerebral (AVC). Mas não foi apenas o derrame que matou a faxineira Cleonice. Antes de ser a escolhida para receber atendimento médico no Miguel Couto, ela enfrentou a rejeição em seis hospitais. Foi nessa peregrinação que ela passou de uma crise de hipertensão para um AVC.

— Em cada hospital que chegávamos, os médicos se recusavam a atendê-la porque estavam cuidando de outros pacientes mais graves — conta a mãe de Cleonice, Ercília.

Em 12 de julho, Cleonice passou mal perto de casa, em Caxias. Encaminhada ao pronto-socorro local, foi transferida para outro hospital, onde também não foi atendida. A família só encontrou atendimento a 30 quilômetros da Baixada Fluminense. Ela foi socorrida na emergência, mas ficou na fila de espera do CTI. Quando a vaga apareceu, Cleonice pôde, por cinco dias, receber o tratamento adequado ao seu caso, já então diagnosticado como AVC. Mas, novamente, foi preterida com a chegada de um paciente em estado mais grave. De volta à emergência, ela só resistiu mais três dias.



Cleonice Souza Ferreira
51 anos
Diagnóstico: acidente vascular cerebral